

As cores no mundo de Lúcia

JORGE FERNANDO DOS SANTOS

ILUSTRAÇÕES: DENISE NASCIMENTO



PAULUS

As cores no mundo de Lúcia

JORGE FERNANDO DOS SANTOS

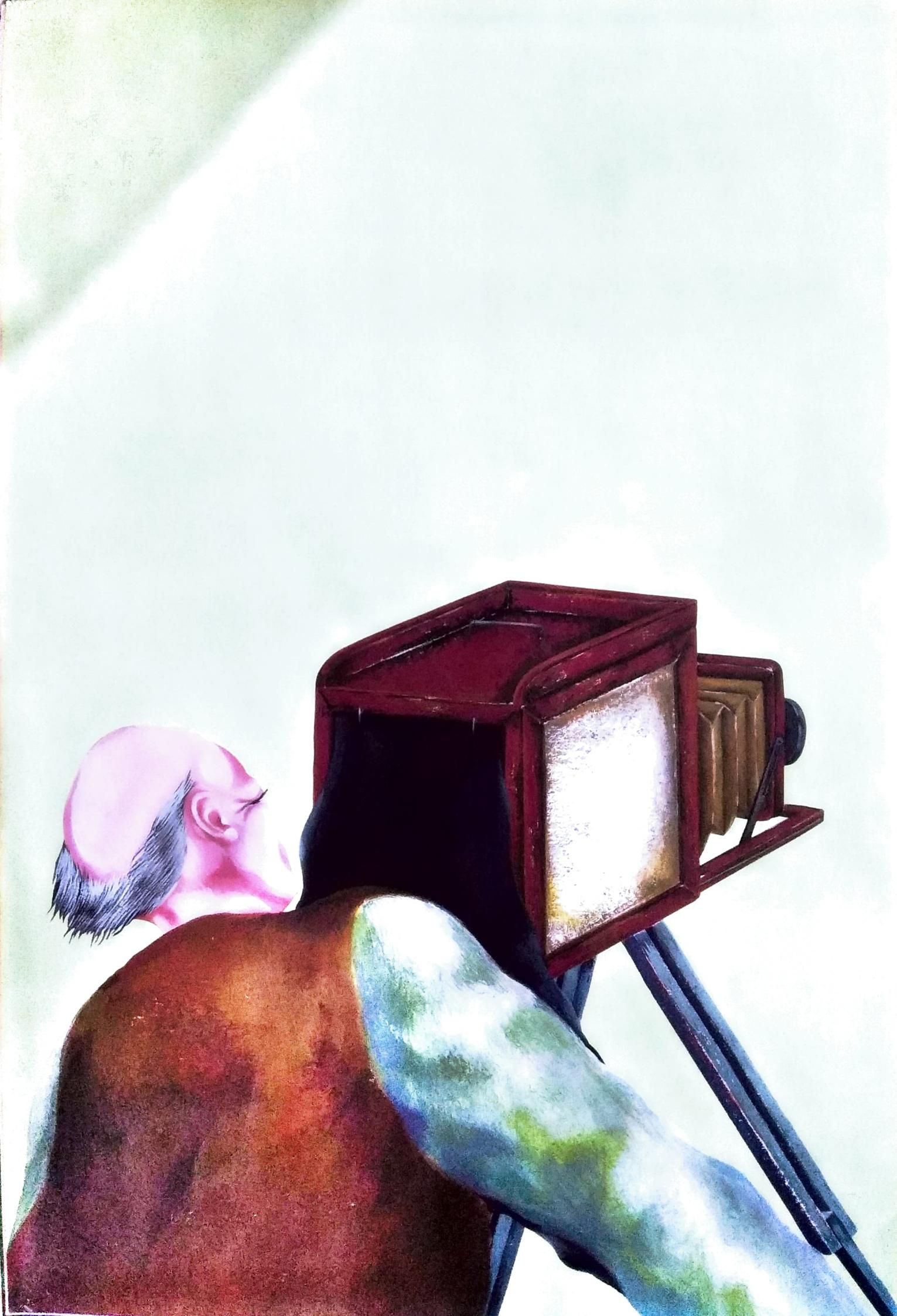
ILUSTRAÇÕES . DENISE NASCIMENTO

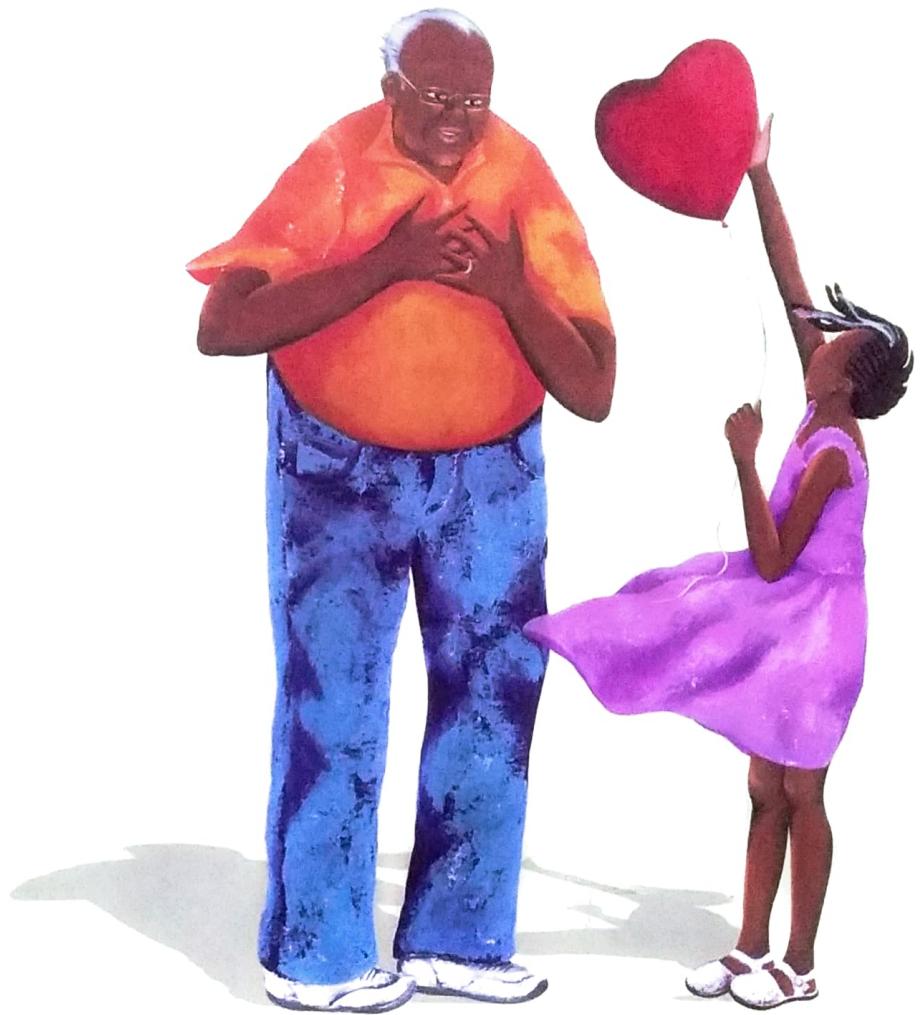
As cores no mundo de Lúcia

JORGE FERNANDO DOS SANTOS

ILUSTRAÇÕES . DENISE NASCIMENTO

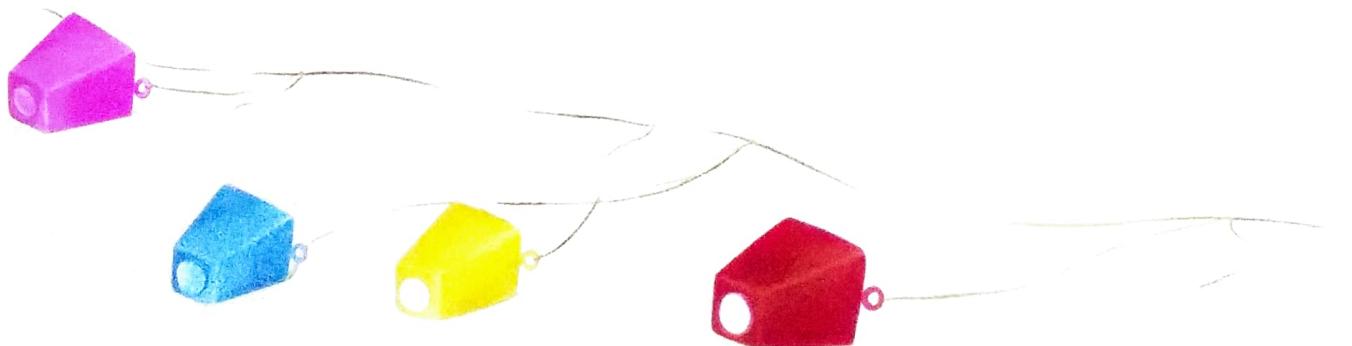






Lúcia, variação de Luzia (do grego *Loukía*), é feminino de Lúcio, do latim *Lucius*: “luminoso, iluminado”, derivado de *Lux*, “luz”; abreviatura de *prima luce natus*, “nascido com a primeira luz” ou “nascido com a manhã”. Santa Lúcia, virgem siciliana, foi martirizada pelos romanos tendo os olhos arrancados. Por essa razão é a padroeira dos cegos e protetora dos olhos. Nomes derivados: Luce, Lucélia, Luciana, Lucídia, Lucila, Lucina, Lucinda, Lucineia.

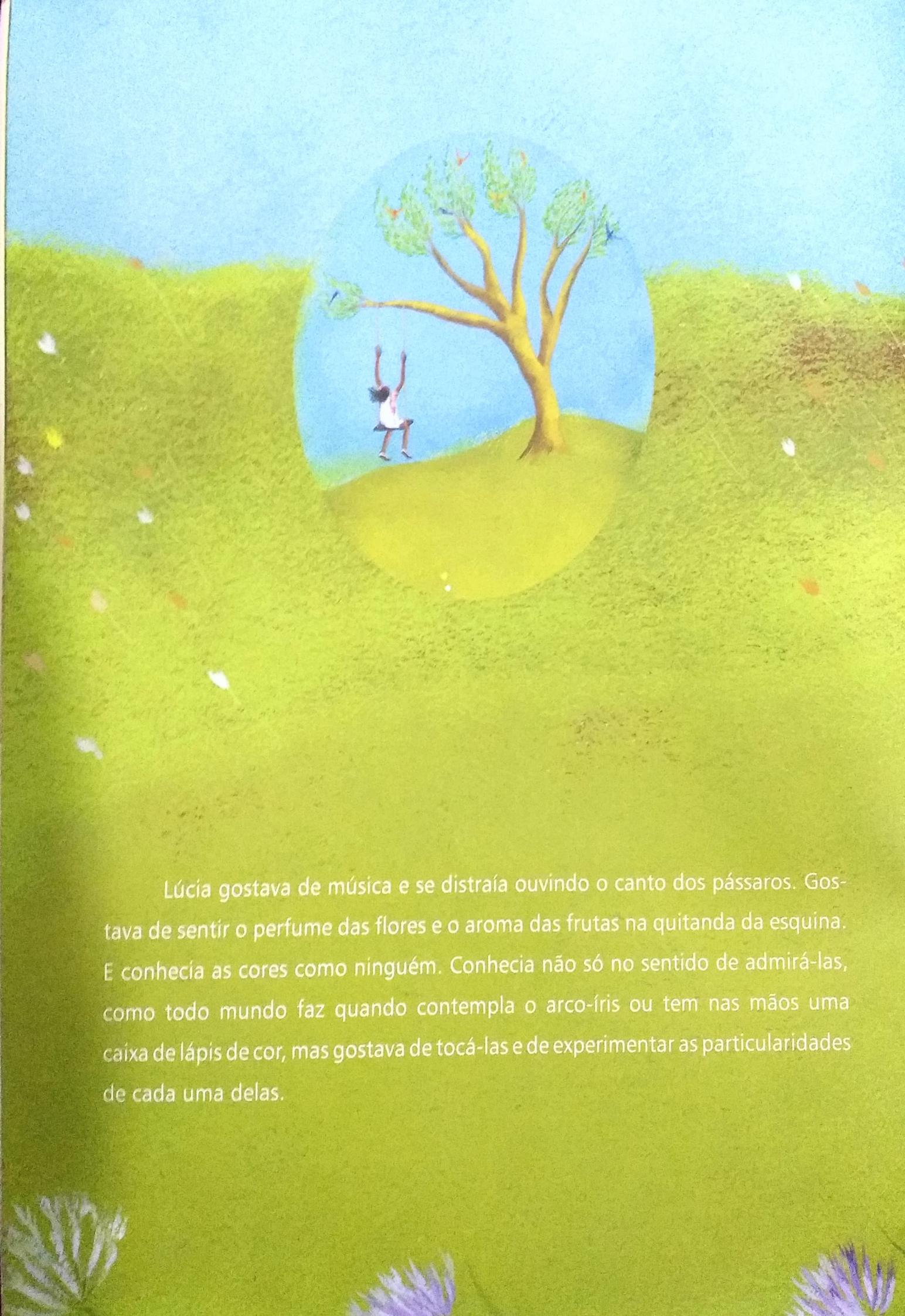
(O livro dos nomes, de Regina Obata, Círculo do Livro)





Certa vez, conheci uma garota diferente de todas as crianças que já havia conhecido. E, justamente por ser diferente, pareceu-me muito especial. Chamava-se Lúcia e se interessava por tudo à sua volta. Alegre e comunicativa, vivia para celebrar a vida como se fosse um presente dos céus.





Lúcia gostava de música e se distraía ouvindo o canto dos pássaros. Gostava de sentir o perfume das flores e o aroma das frutas na quitanda da esquina. E conhecia as cores como ninguém. Conhecia não só no sentido de admirá-las, como todo mundo faz quando contempla o arco-íris ou tem nas mãos uma caixa de lápis de cor, mas gostava de tocá-las e de experimentar as particularidades de cada uma delas.





Lúcia se encantava principalmente com o branco. Ao mesmo tempo em que era seco e dobradiço feito papel, ou macio que nem o algodão, o branco lhe parecia quebradiço como um pedaço de giz. E ela sentia o gosto dessa cor sem muita precisão. Um sabor que variava da acidez do sal de cozinha à doçura quase enjoativa da bala Delícia que seu pai comprava no sinal de trânsito, quando voltava do trabalho.



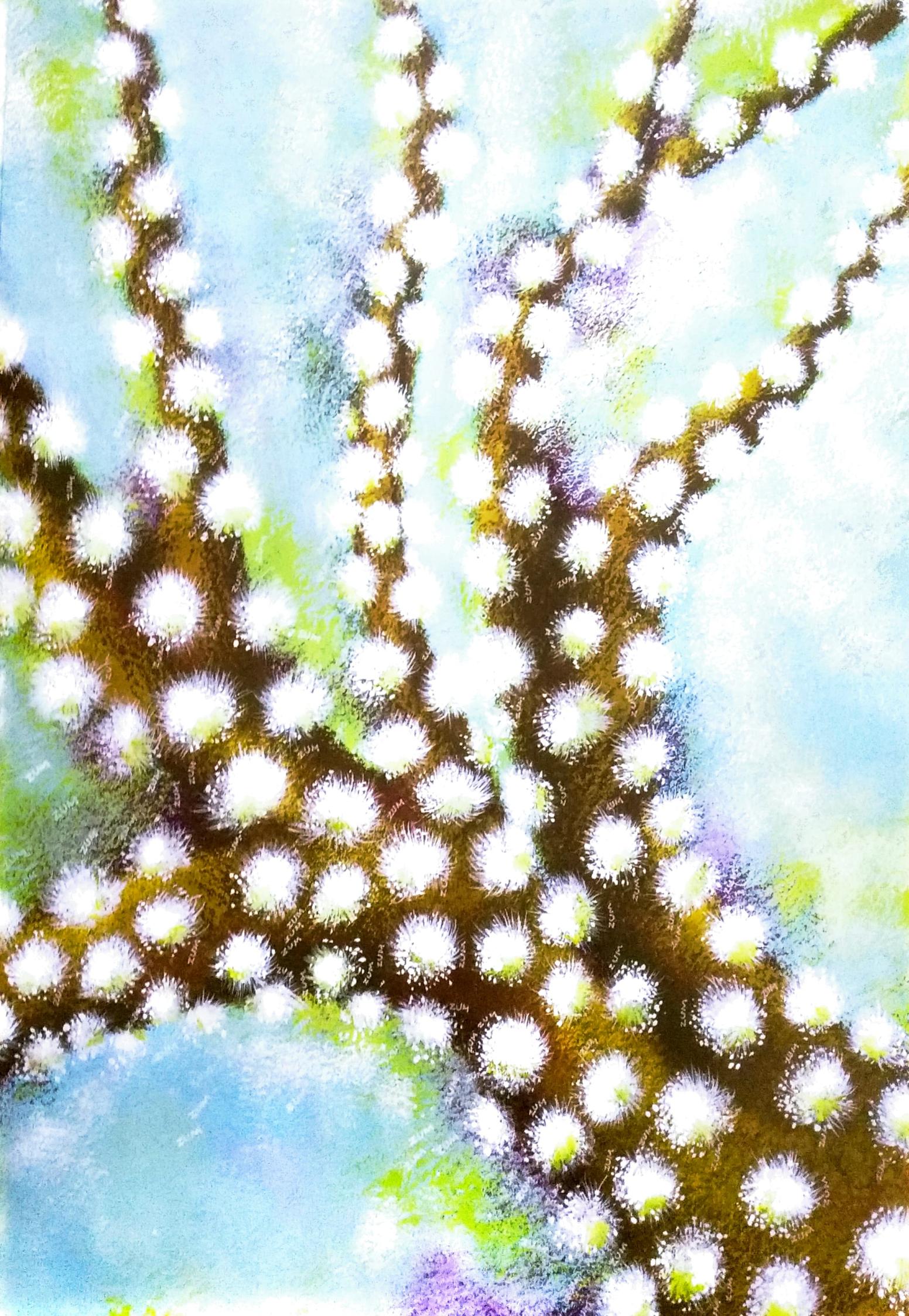
Talvez pelo fato de ir de um extremo ao outro na escala dos sabores, o branco fosse também a mistura de todas as cores, variando de temperatura. Se às vezes era morno como a fina areia da praia ensolarada na qual Lúcia caminhava descalça durante as férias, ou fervente feito o leite que acabara de sair do fogão, havia ocasiões em que era tão frio quanto um picolé de coco ou um sorvete de baunilha.







Para ela, o branco tinha o aroma adocicado das flores da jabuticabeira do jardim de sua casa, que se vestia de noiva quando despontava a primavera. E essas flores, que lhe disseram ser muito pequenas e delicadas,atraíam uma orquestra de abelhas e marimbondos, para a alegria dos seus ouvidos tão sensíveis. Por isso o som do branco era um zumbido suave e constante.



pirulito que bate bate

Pirulito que já bateu



Outra cor cujas qualidades Lúcia sabia de cor era o verde. Podia ser carnudo e levemente aveludado igual à folha de musgo, ou liso e envernizado como as outras folhas que suas mãos costumavam tocar enquanto brincava no jardim. E foi numa dessas folhas que a menina descobriu o quanto o verde pode também queimar feito brasa, ao tocar a lagarta que se disfarça de folha até se fechar num casulo para um dia se transformar em borboleta. Por causa dessa descoberta, ela chorou aos berros.



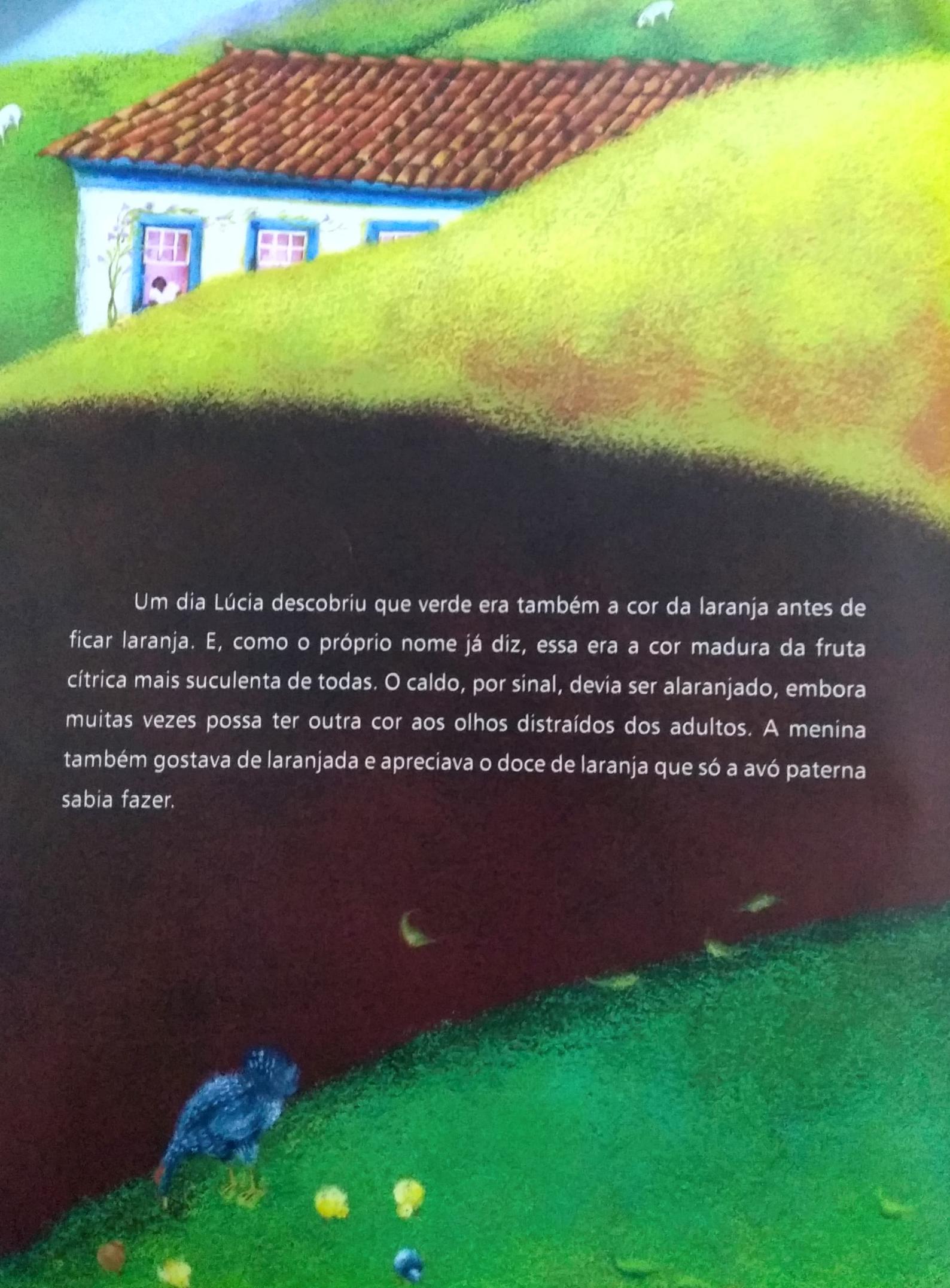


ir u i t o
a t e
b a t e
d i r u i t o

Mais tarde Lúcia aprendeu por conta própria que o cheiro e o gosto do verde podem variar da hortelã da pasta de dentes ao limão galego, que sua mãe batia com açúcar e gelo para fazer a melhor limonada do mundo. Essa magia transformava o verde na cor mais refrescante de todas, principalmente nos dias mais quentes do verão. E verde era também seu vestido preferido, todo feito de cambraia com cintura e golas de seda, presente da avó materna no seu aniversário de seis anos. Portanto, o som do verde se assemelhava à melodia do "Parabéns pra você".

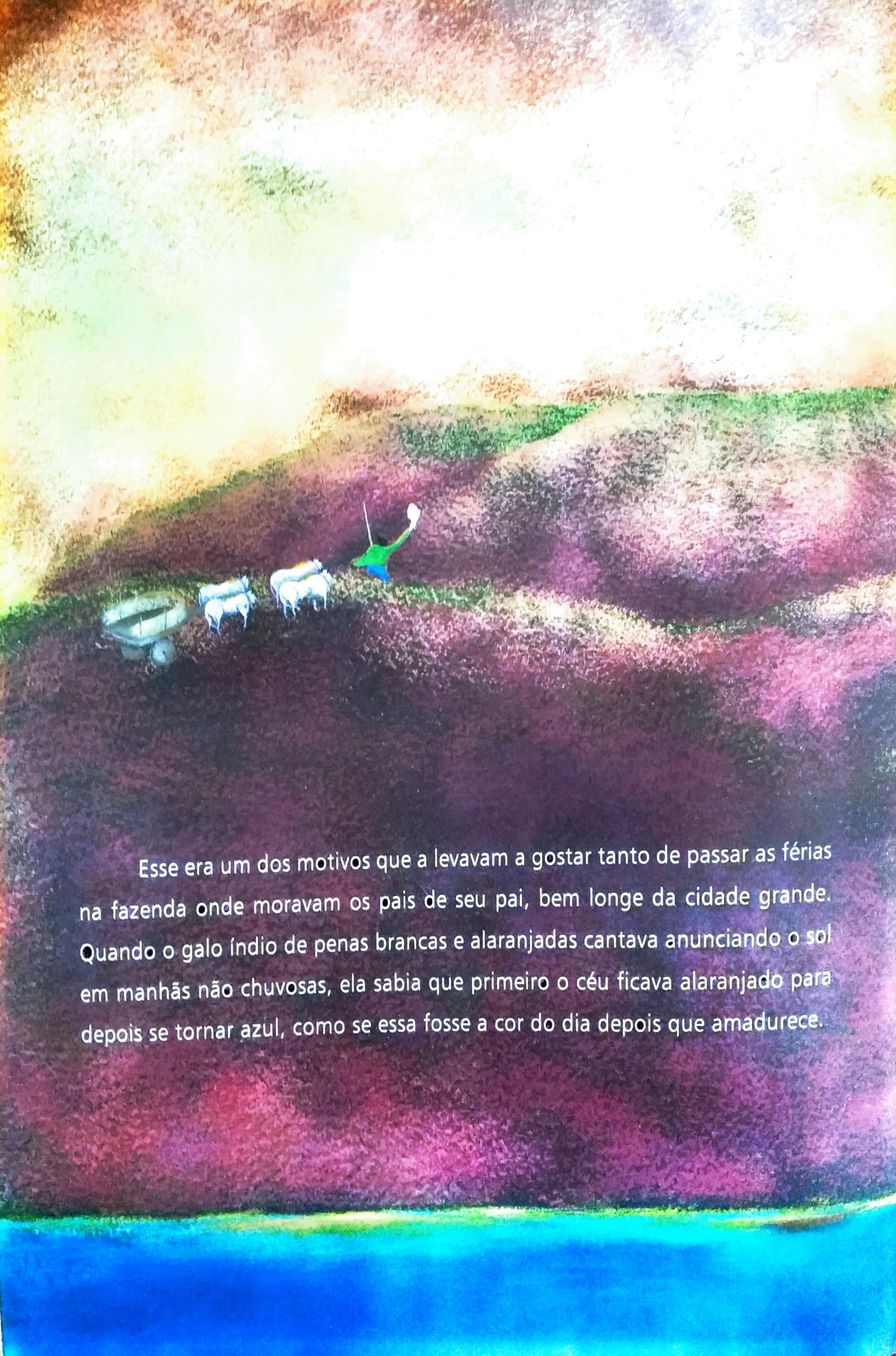
*muitas
felicidades*





Um dia Lúcia descobriu que verde era também a cor da laranja antes de ficar laranja. E, como o próprio nome já diz, essa era a cor madura da fruta cítrica mais suculenta de todas. O caldo, por sinal, devia ser alaranjado, embora muitas vezes possa ter outra cor aos olhos distraídos dos adultos. A menina também gostava de laranjada e apreciava o doce de laranja que só a avó paterna sabia fazer.





Esse era um dos motivos que a levavam a gostar tanto de passar as férias na fazenda onde moravam os pais de seu pai, bem longe da cidade grande. Quando o galo índio de penas brancas e alaranjadas cantava anunciando o sol em manhãs não chuvosas, ela sabia que primeiro o céu ficava alaranjado para depois se tornar azul, como se essa fosse a cor do dia depois que amadurece.



coco coriaco ooo

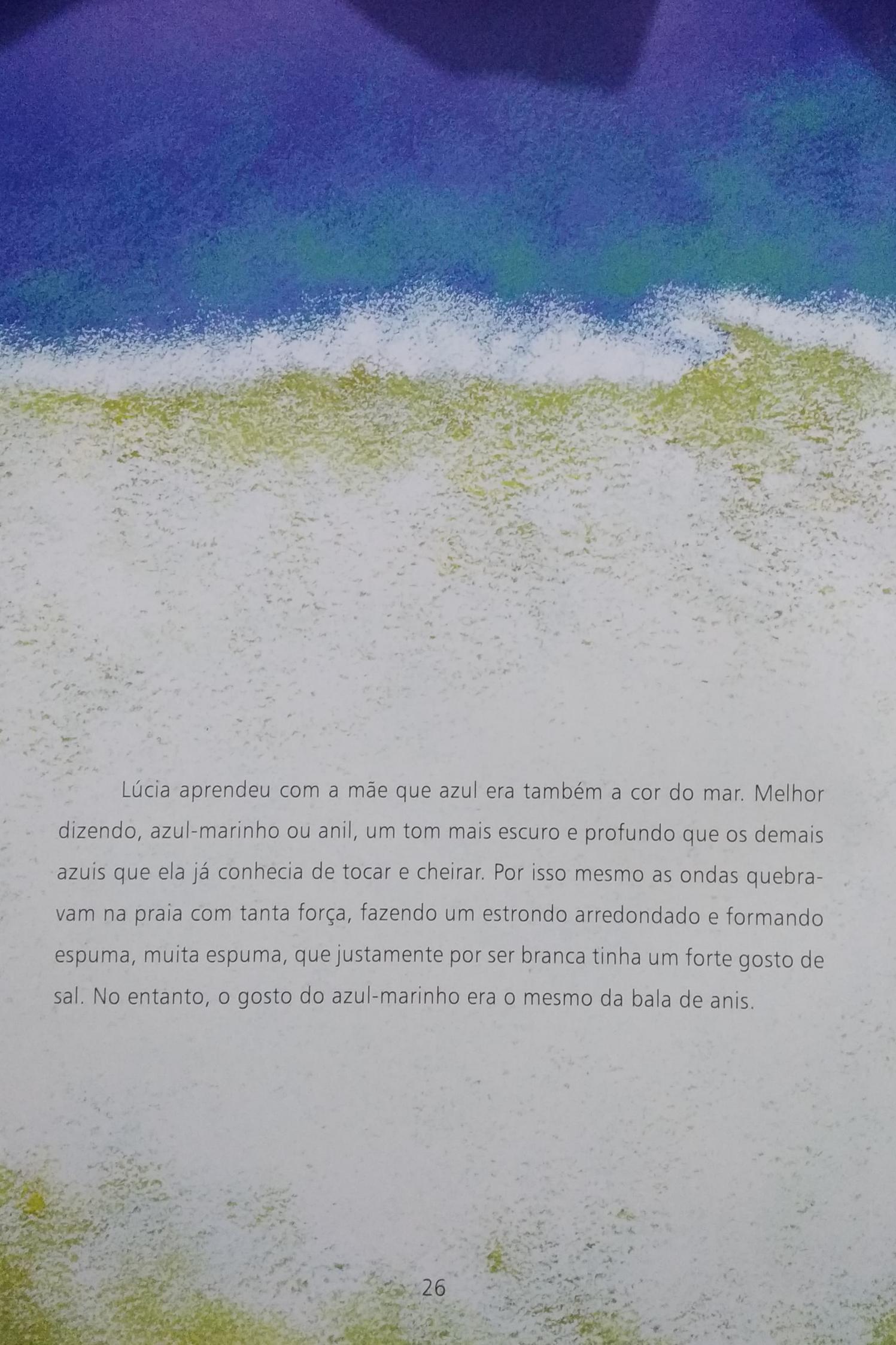
coco coriaco ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo ooo



O azul, para Lúcia, era sedoso igual à camisa social que seu pai usava nos domingos, quando todos iam à missa. Como ele se barbeava naquelas manhãs, antes de saírem de casa, ela deduziu que o azul teria o mesmo aroma de lavanda da loção pós-barba. Certo dia, no entanto, a professora ensinou que as piscinas geralmente são azuis e, desde então, o azul passou a ter cheiro de cloro e o som de água respingando.







Lúcia aprendeu com a mãe que azul era também a cor do mar. Melhor dizendo, azul-marinho ou anil, um tom mais escuro e profundo que os demais azuis que ela já conhecia de tocar e cheirar. Por isso mesmo as ondas quebravam na praia com tanta força, fazendo um estrondo arredondado e formando espuma, muita espuma, que justamente por ser branca tinha um forte gosto de sal. No entanto, o gosto do azul-marinho era o mesmo da bala de anis.





Entre as cores que Lúcia já conhecia de cheirar e tocar, a que mais a intrigava era o vermelho. Tinha o gosto do batom e a suavidade da camisola de seda de sua mãe. No entanto, em certas ocasiões, ardia igual à pimenta que certa vez ela colocou no prato de salada pensando que fosse azeite. E tal não foi sua surpresa ao descobrir que o vermelho é também a cor do sangue. A partir desse momento, toda vez que comesse tomate, cereja ou morango, experimentaria a sensação de ter se transformado em menina-vampiro.



Nessas horas, esperta e imaginativa feito ela só, Lúcia chegava a pensar que esse tipo de monstro das histórias de terror ficaria com a cara amarelada sempre que sentisse fome. Isso porque, certa vez, quando se sentiu desanimada e com preguiça de ir à escola, o médico disse que podia estar sofrendo de anemia, pois seu rosto estava muito amarelo.





Aquela foi a primeira vez que ela ouviu falar nessa cor. E, ao repetir o nome vagarosamente, podia sentir a língua vibrando ao roçar os dois dentes da frente, fazendo cócegas no céu da boca: "a-ma-reee-lo... a-ma-reee-lo", repetiu várias vezes, até inventar outra moda.





O amarelo tinha cheiro de banana, já que a casca dessa fruta quando amadurece é dessa mesma cor. Mas, ao saber que a banana propriamente dita é branca igual à pasta de dentes, Lúcia percebeu que o sabor do amarelo não poderia ser o mesmo. Essa dedução deixou-a intrigada. Afinal, qual seria o gosto dessa cor tão radiante, que diziam ser também a cor do ouro e dos raios do sol? Pensou em várias possibilidades, até o dia em que a mãe serviu-lhe pêssego em calda na sobremesa.



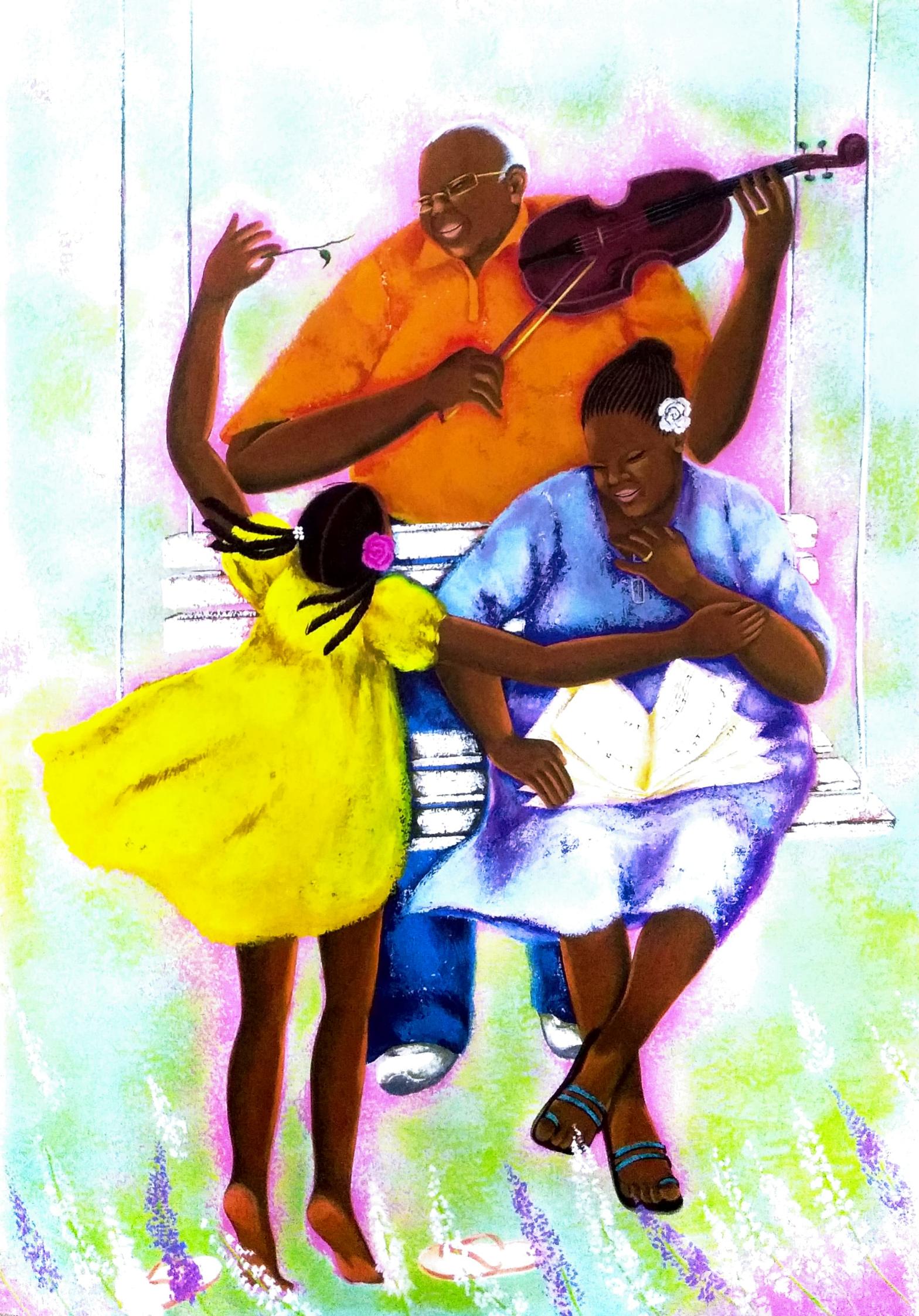


No entanto, o amarelo também tinha cheiro de manga, fruta que Lúcia descobriu na fazenda dos avós. E, ao saber que o canário-belga do vizinho, que passava as tardes cantando, era amarelo igual à gema de ovo, o som dessa cor passou a ser semelhante àquele canto, que, apesar de engaiolado, festejava a alegria de viver.



E assim, pouco a pouco, Lúcia foi desvendando o mistério e a natureza das cores, descobrindo cada uma delas não pelo dom da visão, mas com o olfato, o tato, o paladar e a audição, sentidos que sabia usar como ninguém. E, como tudo na vida tem lá suas dificuldades, sentiu-se confusa ao descobrir a existência do rosa. Como era de esperar, deduziu que a flor de mesmo nome seria sempre dessa cor e teria o mesmo cheiro suave, independentemente do jardim de onde fosse colhida.





Mas nem tudo é aquilo que parece ser, Lúcia descobriu. Para seu espanto, o jardineiro que certo dia trabalhava em sua casa explicou-lhe que também existem rosas brancas, amarelas e vermelhas. Pouco a pouco, aprendeu a diferenciá-las não pelo tamanho ou pela maciez das pétalas, mas pelo perfume de cada uma delas. E tal não foi sua admiração quando o jardineiro falou que a mais rara de todas as rosas era de um vermelho tão escuro que passou a ser conhecida como rosa negra. Negra, sim, igual à sua pele.

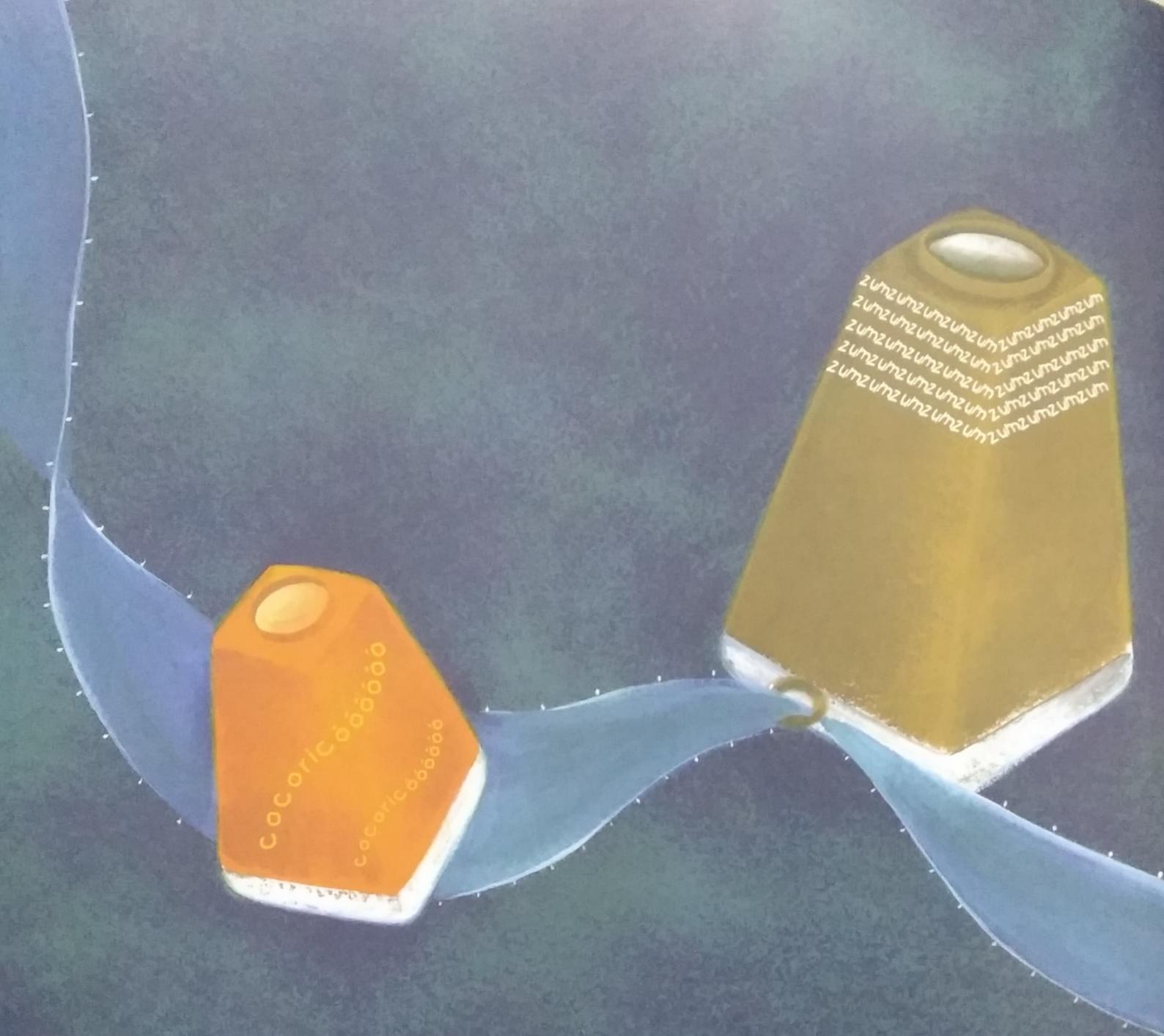




Pela primeira vez, ao lidar com uma cor, Lúcia ficou boquiaberta. Passou as mãos no rosto e nos braços, como se descobrisse a si mesma, pois até aquele dia não fazia a mínima ideia da própria cor. O jardineiro, que também era negro, informou que essa é a cor do céu quando anoitece, revelando a luz da lua e das estrelas.





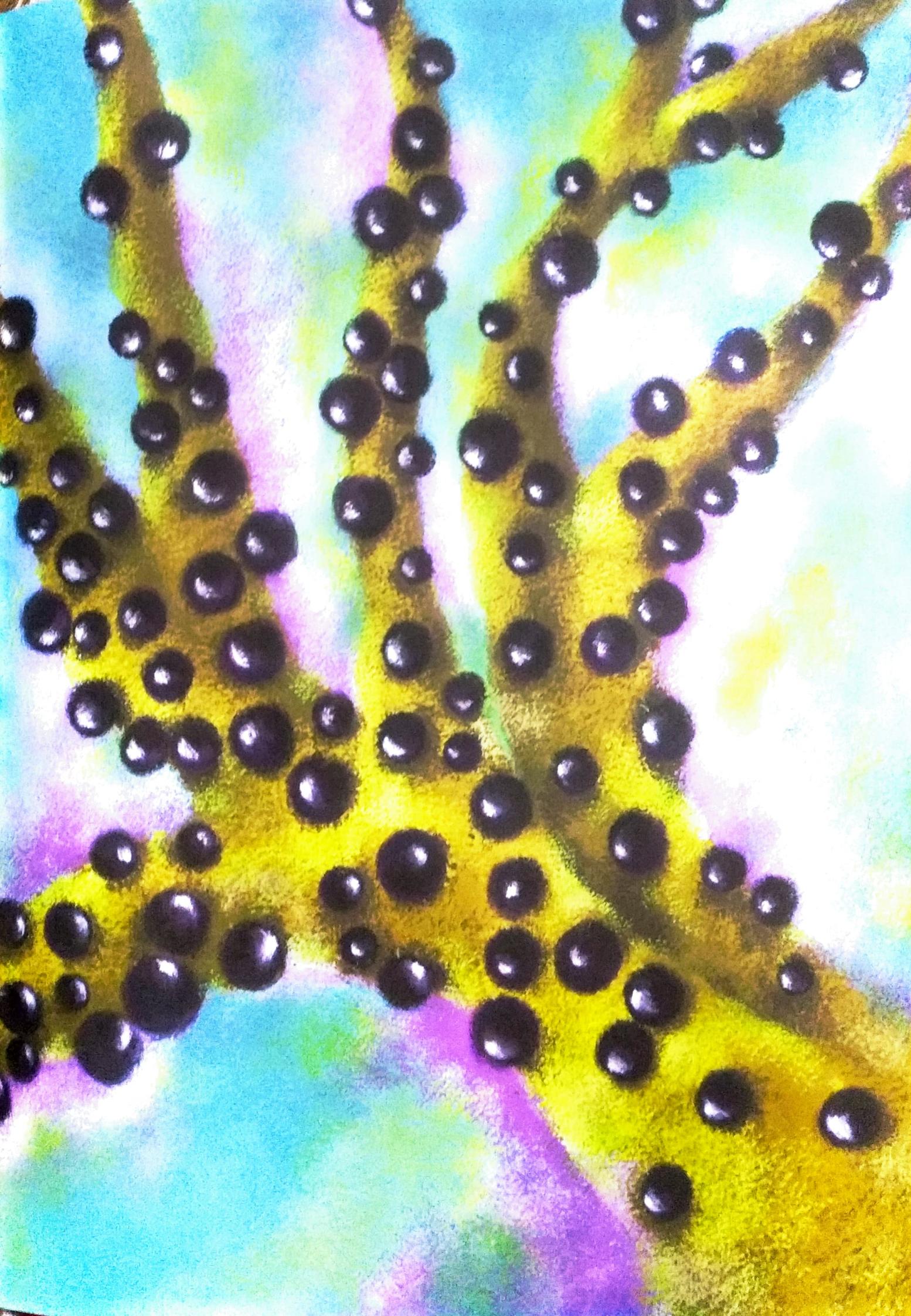


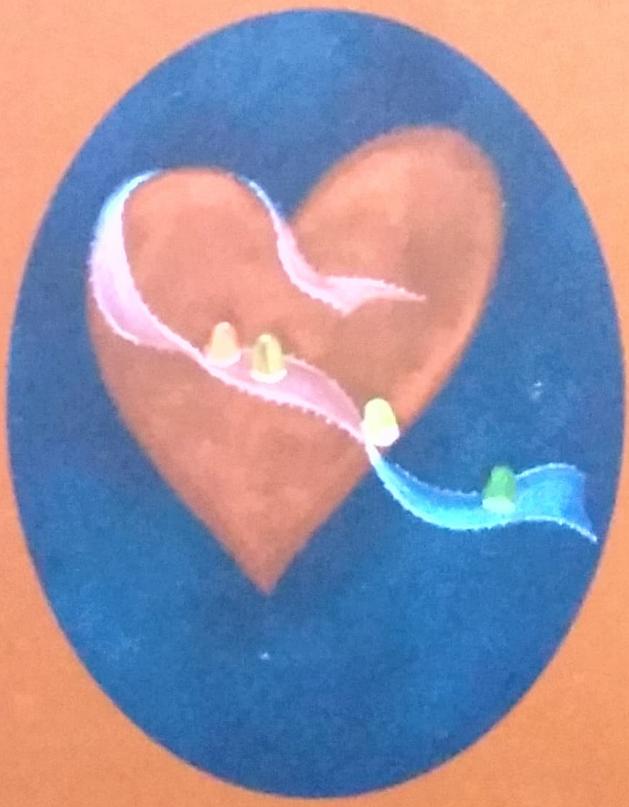
E a menina, que muito sabia, não soube explicar a sensação diante da nova descoberta. Finalmente, deduziu que o negro era a única cor que seus olhos podiam ver. Talvez por isso ela tivesse que ter inventado um jeito próprio de desvendar o mistério das cores, já que não era capaz de enxergá-las como a maioria das pessoas.





Naquele momento, Lúcia quis saber o que mais era negro ao seu redor e ficou agradecida quando o jardineiro colocou em sua mão uma jabuticaba madura. Ela se deliciou com o sabor peculiar da pequena fruta e sentiu que a semente em sua boca deslizava igual ao sorvete de baunilha, cuja cor resulta da mistura de todas as cores.





... E tal não foi sua admiração quando o mesmo jardineiro falou que a mais rara de todas as rosas era de um vermelho tão escuro que passou a ser conhecida como rosa negra...



ISBN 978-85-349-2650-8

Barcode for ISBN 978-85-349-2650-8

9 788534 926508